

# BOLETIM

# INFORMATIVO

da

# MISERICORDIA do SARDOAL



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA  
DE  
SARDOAL

II

# Dá-nos, SENHOR

## ...o pão nosso de cada dia!

\*

"Nos dias de hoje, muitos portugueses sofrem já de carência dos bens mais indispensáveis, como alimentação e vestuário, habitação, saúde e educação. Muitos já não têm o pão de cada dia -e, ao faltar-lhes este pão começa a faltar-lhes igualmente a esperança. Situação, aliás, com tendência para agravar-se perante as perspectivas económicas e sociais que se deparam ao país, em relação directa com o aumento do desemprego.

Estatísticas recentes indicam mais de 470 mil desempregados, para uma população activa de 4.280.000 pessoas (mais de 11 por cento), sendo 140.000 os que procuram o primeiro emprego. Teme-se que, no fim deste ano, os desempregados sejam cerca do dobro! A verificar-se esta previsão, as carências de muitos milhares de pessoas atingirão um ponto que pode classificar-se de extrema gravidade. Extrema gravidade que nunca será bem traduzida na linguagem fria dos números e estatísticas, porque se concretizará milhares de vezes ao dia em pessoas com rosto e nome próprio, com direito a viverem hoje e amanhã, e particularmente, quanto aos jovens, a não perderem o sentido da vida.

"E não se pense que estes problemas são exclusivos dos meios urbanos, pois se encontram, já, no meio rural, provocando grave preocupação e insegurança.

Perante esta situação a Igreja não pode ficar indiferente. Razões evangélicas e imperativos pastorais urgem que todos tomemos as atitudes exigidas pela nossa fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus, que pela Encarnação quis assumir a condição humana e se tornou presente em cada homem -especialmente naquele que mais sofre. "O que fizeste a um destes meus mais pequeninos, foi a mim que o fizeste" -diz-nos o Senhor. Criados à imagem e semelhança de Deus, todos os homens são portadores em si mesmos dos invioláveis direitos de Deus.

"A nossa atitude de Igreja não tem em vista substituir-se ao Estado no seu empenho para cuidar do bem-comum, nem suprir os deveres de justiça e equidade de todas as pessoas particulares, ao alcance das quais esteja a cumprir a justiça e testemunhar a solidariedade humana. Da mesma forma que não pretende, apenas, estar passivamente ao lado dos que sofrem, especialmente se isso pudesse, alguma vez, humilhar alguém, mas antes reconhecer e incentivar o seu esforço de libertação e auto-promoção.

"Mais do que denunciar as injustiças, que explicam muitas das presentes situações; mais do que condenar o individualismo, de que todos somos mais ou menos culpados, e as atitudes de egoísmo, com que facilmente nos demitimos e lavamos as mãos; mais do que, simplesmente, responsabilizar os outros pelos males de que cada um pode sofrer, a Igreja afirma que é sempre possível testemunhar a esperança, não se conformar com o espírito de derrota que justifique um definitivo deixar cair os braços e que a solução dos nossos problemas não passa, apenas nem principalmente, pelo económico, por mais importante que seja."

■ (Alguns extractos da última Carta Pastoral do Senhor Bispo de Coimbra, D. João Alves)

# DESCONSERTOS

A jovem democracia portuguesa poderá ter de merecer-nos a compreensão pelos erros de inexperiência e pelas faltas de imaturidade. Contudo, não podemos nem devemos deixar que a compreensão se transforme em complacência, actualmente uma realidade indesmentível da nossa vida colectiva, em que por vezes parece que os referenciais do valor estão de tal modo apagados que nem sequer ao esforço honesto é atribuída a justa recompensa. Em nome de uma liberdade mal compreendida, tudo se tolera e se deixa passar; em nome talvez de um certo comodismo, não se assumem as questões de princípio e não se travam as indispensáveis batalhas pelo bem, pela justiça, pelos direitos da pessoa, pela moralidade pública. É necessário que aceitemos por inteiro as nossas responsabilidades de crente, de cidadão, de membro de uma família, de trabalhador, de empresário, enfim, de homem recto, colocado num lugar determinado e um tempo determinado, que são os nossos. Mas é necessário também que este esforço seja facilitado e apoiado pela própria sociedade, porque dificilmente resultará suficiente contra o alheamento generalizado.

Não é possível uma sociedade bem ordenada e progressiva, se, em vez de estimular as justas recompensas para o que se faz de bom e positivo, ela responde com a indiferença, senão pior ainda; nem, por outro lado, é sustentável uma sociedade bem ordenada e progressiva, se os comportamentos, tanto pessoais como sociais, sempre que ofensivos das normas imprescritíveis da moralidade, não merecerem sanção justa, pronta e eficaz. Esta é a questão, a nosso ver, essencial: a da moralidade e da justiça públicas. Se bem que não sejam tudo, elas constituem o sistema vertebral de uma comunidade, quer dizer, o sistema que a suporta e mantém estruturada. Em épocas de crise, só assim as sociedades poderão renovar-se e reagir, defender-se e orientar-se.

da NOVA ALIANÇA

# PARA A HISTÓRIA DO SARDOAL ANTIGO

## O QUE ERA

### A "RODA" DOS ENJEITADOS

A "roda" consistia, fundamentalmente, numa espécie de cilindro giratório em posição vertical, com uma abertura em forma de postigo num dos lados, onde as mães que se queriam desfazer de crianças recém-nascidas (ou, mesmo ainda, com poucos dias de existência) as iam depositar.

Esse receptáculo estava, quase sempre, inserido numa janela baixa e, noutros casos, numa porta de entrada fechada a qualquer outra utilização, e era construído de modo tal que, da parte interior, se não podia ver quem deixava as crianças. Com efeito, a Lei de então nem perseguia nem sequer procurava identificar quem assim se desfazia de um filho, por se entender que seria um mal menor aceitar e dar guarida às crianças abandonadas desta maneira do que propiciar crimes de infanticídio, fosse em filhos já nascidos, fosse indirectamente estimulando as práticas abortivas e similares que, embora na rudimentaridade dessas épocas, e sob designações e terminologias diferentes, se iam conhecendo já, trazidas de outros países europeus de moral devassa e corrompida.

As primeiras "rodas de enjeitados", em Portugal, remontam aos meados de 1400, e foram instaladas primeiramente em hospícios e albergarias, sendo a assistência aos expostos subsidiada pelas Camaras. Mas, quando as Misericórdias começaram a espalhar-se através do país, logo a estas Instituições de Caridade passou a caber a sua recolha e educação.

Também aqui, em Sardoal, existiu em épocas passadas uma "roda" de enjeitados. Funcionava na Misericórdia, quando as suas instalações eram, ainda, nos anexos da Igreja do mesmo nome, um pouco abaixo da actual "Casa do Ensaio da Música". Depois, em 1874, a seguir à extinção das Ordens Religiosas por Joaquim António de Aguiar, o Hospital e as outras dependências da Santa Casa vieram a ser transferidos para o edifício do Convento Franciscano, e a "roda", naturalmente, para ali se deslocou também, durante mais algumas dezenas de anos, até que, no reinado de D. Luis acabou por ser extinta definitivamente, visto se haver tornado de todo inútil e desnecessária.

Deixando de lado, porém, essa evocação histórica (a retomar, talvez, em futura oportunidade) relate-se, a propósito, um caso inédito acontecido em Sardoal, nos começos do século passado - e que gira um tanto à volta deste mesmo tema.

.....

Corria o ano de 1808. A nossa Misericórdia ocupava, ainda, as suas antigas instalações e o Convento era habitado, então, por cerca de uma dúzia de frades franciscanos da Província da Soledade.

Numa noite gélida de Dezembro, alta madrugada, duas pancadas fortes vibraram de repente na portaria do Convento. Os frades entreolharam-se perplexos e admirados, interrogando-se sobre que estranha visita os procurava a horas tão pouco convenientes. Mas, estavam já a pé, no Canto de Matinas. De facto, pelo Regulamento da Ordem, e no tocante a esta comunidade, sabe-se que se erguiam às 3.30 h. da manhã, para as primeiras orações.

Aquele toque brusco e alvoroçado, para mais a hora tão imprópria, não responderam logo. Bem se presume que o receio de um assalto ou de outro desmando semelhante os houvesse tolhido. Breves instantes decorridos, nova insistência os sacudia, agora em marteladas sonoras, que estranhamente fendiam o silêncio da noite e a quietude do local.

Então, toda a comunidade em peso, como um bloco, formando um "corpo de defesa", veio espreitar ao postigo da entrada, cheia de medo, receando algum possível distúrbio. E, quando o Padre Guardião abria muito cautelosamente a fresta do postigo, o leve ruído dos gonzos fez afastar para o escuro uma figura que pareceu de mulher, mas que o negrume da noite mal deixou definir. E logo a atenção do bom frade, ainda não refeita dessa estranha aparição, foi despertada por um choro débil de criança, que aconchegada entre cobertores e abafos, se debatia, inquietada e estremunhada, num acafate de verga, colocado sobre as lajes do pavimento, um pouco além da portaria.

Uma larga surpresa deve ter cruzado toda a Irmandade - mas a resposta decerto que não tardaria e emergir, rápida e clara, no espírito de cada um dos seus membros. Era uma criança que alguém abandonava à porta do Convento, na suposição legítima de que ficaria bem entregue ou de que seguisse, depois, outro encaminhamento adequado!

A vista do achado, os Irmãos Franciscanos abriram, então, a porta e recolheram a entrega que, anonimamente, lhes era feita. Detiveram-se um pouco, aguardando que alguém desse sinal de vida - mas apenas o silêncio respondeu à sua inquirição. O vulto que havia deslizado rapidamente para as sombras do adro sumira-se nas dobras da noite, sem deixar rasto - mas levando a certeza de que a sua encomenda fora deixada "em boas mãos"...

(Cont. na pág. 4)

# HOSPITAL

Continua o impasse. Apesar das muitas tentativas feitas e das garantias e promessas formais que, em contraponto, as Entidades responsáveis nos deram, por diversas vezes, não mais o assunto do Hospital veio a ter a solução que se impunha.

Com efeito, nem nos pagam rendas, há muito tempo, nem o restituem à sua legítima proprietária, que é a Misericórdia de Sardoal, nem admitem doentes (por já não terem um mínimo capaz de estruturas para o seu tratamento e assistência), nem fazem as mais simples e elementares obras de conservação corrente. Um descalabro!

Poderá perguntar-se, então: que respeito e consideração nos podem merecer os Serviços e Entidades ligados aos assuntos da Assistência Social deste país que, assim, prometem e faltam sem cerimónia alguma e que, impunemente, fogem a responsabilidades e se desinteressam por completo das obrigações e deveres que assumiram?

## A "RODA" DOS ENJEITADOS

(Cont. da pág. 3)

Durante o resto da noite os religiosos tiveram o "menino" na quentura morna da cozinha conventual, que entretanto acenderam, e logo ali puderam verificar, em exame sumário, que as roupas de boa lã, bem como o cesto de vime trabalhado pressupunham uma origem de certo escalão social. Porém, e ao contrário do que, por norma, sucedia com os expostos, nenhum outro sinal ou detalhe particularizado davam àquela criança a mais leve indicação para a eventualidade de um futuro reconhecimento e legitimação - como por vezes sucedia. Com efeito, a "voz do sangue" fazia com que, mais tarde, algumas mães, acicatadas pelo remorso, buscassem desesperadamente reaver os filhos que, numa hora de desvario, tinham abandonado. Para isso se tornava necessário apresentarem uma prova concludente de que a criança pretendida era a sua. Num dos próximos nos. do BOLETIM veremos alguns dos testemunhos que era de uso serem utilizados nessas confirmações.

Entretanto, logo que clareou a manhã os frades iam entregar aquele inocente aos cuidados da Misericórdia. Refira-se, a propósito, que a Santa Casa, para acudir aos expostos e enjeitados, quase sempre de muito tenra idade, tinha ao seu serviço uma ou várias amas (=mães recentes) que, a intervalos, os iam amamentar (ou "dar-lhes os peitos", como se dizia na linguagem típica dessas épocas).

Uma outra surpresa havia de aguardar, ainda, os bons franciscanos: só nessa altura viriam a ter conhecimento de que "o menino", tão caridosamente recolhido e agasalhado durante algumas horas no seu convento, era, afinal... uma linda e robusta menina!

## AO LEITOR

Este nº do nosso "Boletim", referente ao mês de Fevereiro, sai com atraso sensível -se bem que, mesmo assim, não muito desactualizado.

Tal facto, que lamentamos, deve-se inteiramente a razões estranhas à vontade da Misericórdia. Motivos de ordem técnica e formalismos burocráticos impediram o seu aparecimento na altura devida.

Tentaremos o possível para uma regularização a curto prazo.

# O BAIRRO DA MISERICÓRDIA

**D**ando fé ao documento que junto se extracta, pode supor-se que, desta vez, a Câmara se resolve a fazer os arrua-

mentos do Bairro da Misericórdia, bem como os respectivos passeios e valetas de escoamento das águas pluviais.

Com efeito, no "Plano de actividades para o ano de 1984" atribuiu uma verba de 400 contos para o efeito, comprometendo-se, ainda, a fazer as obras entre Fevereiro e Junho deste ano.

A Assembleia Municipal aprovou a proposta, de forma unânime -decerto no cumprimento integral de que a sua concordância não iria constituir um simples e mereiro "pró-forma". E, na verdade, mal seria que este Corpo Autárquico se assumisse, na política actual, apenas como um "verbo-de-encher", sem capacidade de fiscalização e de tutela sobre os interesses do Concelho e das suas populações.

Para corresponder às muitas solicitações dos interessados (que ficaram crenentes naquela promessa), a Misericórdia vai, agora, fazer o sorteio e a respectiva entrega das habitações.

CÂMARA MUNICIPAL  
DE  
SARDOAL

PLANO DE ACTIVIDADES  
PARA O ANO FINANCEIRO DE 1984  
(Conforme anexo ao Dec.-Lei n.º 341/83, de 21 de Julho)

Fl. 3

CÓDIGO				DESCRIÇÃO	Responsável	DATAS		ENCARGOS (em contos)	
Objectivo	Programa	Projecto	Ação			Início	Condução	Total	Definitiva
05	04			UBBANIZAÇÃO					
05	04	01		-Aquisição Terreno Tapada Américo	C.M.Sardoal	6/84		500	500
		02		-Aquisição de Um Imóvel p/demolir	C.M.Sardoal	6/84		160	160
		03		-Construção Escadaria Rua Ladeira	C.M.Sardoal	7/84	12/84	200	200
		04		-Construção Arruamentos B.S.Casa	C.M.Sardoal	2/84	6/84	400	400
		05		-Construção Arruamentos S. Simão	C.M.Sardoal	3/84	8/84	200	200
		06		-Construção de Arruamentos Andre	C.M.Sardoal	3/84	8/84	200	200
		07		-Construção Arruamentos Tejeira	C.M.Sardoal	4/84	9/84	100	100
		08		-Infraestruturas Tapada da Terra	C.M.Sardoal	1/84	7/84	200	200
		09		-Arruamentos em Sardoal	C.M.Sardoal	5/84	11/84	200	200

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

Edição e Propriedade da Misericórdia de Sardoal - 2230 SARDOAL

Nº 7 - Fevereiro de 1984 -

(Distribuição gratuita)

Publicação mensal